

CONHECIMENTO. EIS A DIFERENÇA

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
editor desta revista



Imagem gentilmente cedida pelo Laboratório Teuco Brasileiro

- O I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria, realizado, em São Paulo, abre funda reflexão e discussão sobre o farmacêutico industrial brasileiro. Questões como “qual é o farmacêutico de que a indústria precisa?” e “o farmacêutico está apto a atender as novas exigências da indústria farmacêutica moderna?” foram levantadas, durante o evento, e continuam repercutindo no seio da categoria. O Conselho Federal de Farmácia entende que só há um caminho para o profissional enfrentar as transformações trazidas pela nova indústria: o conhecimento. E quer fomentá-lo, em todos os níveis. O conhecimento faz a diferença.
- A PHARMACIA BRASILEIRA traz uma ampla reportagem sobre o farmacêutico industrial brasileiro, com as posições do presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, e da farmacêutica Marília Coelho Cunha, que fala em nome da Comissão de Indústria do CFF, da qual é presidente. A reportagem traz ainda três entrevistas “ping-pong”. Uma, com o presidente da Alanac (Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais), Dante Alario; outra com o presidente do Sindusfarma (Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo)-SP, Lauro Moretto, e a terceira entrevista, com o presidente da Abifarma (Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica), Ciro Mortella. A PHARMACIA BRASILEIRA busca, assim, saber o que os homens que estão à frente das indústrias farmacêuticas nacional e multinacional pensam do farmacêutico brasileiro.

O conhecimento! Poucas vezes, no Brasil, se abriu, com igual abrangência, uma reflexão e um debate sobre o conhecimento do farmacêutico industrial brasileiro, como agora. A base de lançamento das idéias foi o “I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria”, realizado, em São Paulo, de sete a nove de junho, pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), através de sua Comissão de Indústria. Durante o evento, o conhecimento foi tratado com o seu merecido *status* de “estrela guia e suprema” do farmacêutico e de condição *sine-qua-nom* para o profissional responder as exigências da moderna indústria farmacêutica. Abordou-se, enfim, o conhecimento sob os mais diversos pontos de vista. O foco das reflexões partiu de perguntas que, há muito, vinham sendo feitas dentro – e fora – do setor: como está o conhecimento do farmacêutico industrial brasileiro? Qual é o farmacêutico de que a indústria precisa? O farmacêutico industrial está preparado para as novas exigências industriais? “Só há uma resposta para todas as perguntas: a qualificação”, resume o presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos.

A especialização Farmácia Industrial surgiu, no Brasil, há apenas 30 anos, na graduação dos cursos de Farmácia. Até hoje, ela ainda não está implantada em todas as faculdades brasileiras. No Brasil, há cerca de 10 mil farmacêuticos atuando na indústria, o que não significa que todos tenham se especializado em Farmácia Industrial. Por outro lado, muitos farmacêuticos com especialização em Indústria encontram-se atuando em outros segmentos da Farmácia. O País possui cerca de 600 indústrias, entre as de capital nacional de grande, médio e pequeno portes e as multinacionais.

Avanço tecnológico - A história da farmácia industrial é pontuada pelo desenvolvimento da indústria farmacêutica. Por ter essa ligação tão íntima com um setor que vive mergulhado na atualidade tecnológica (ou que se utiliza da tecnologia em favor do seu próprio avanço), a profissão tem que acompanhar o ritmo frenético da própria indústria e das ciências.

É uma imposição que pesa sobre os farmacêuticos, sem escapatória. Saindo daí, tudo pode levar ao caminho da desatualização e da desvalorização profissional.

Só há uma maneira de o farmacêutico fazer frente ao turbilhão de novas exigências: através do conhecimento. Para se ter uma idéia da velocidade com que a indústria se move, basta lembrar que o rosário de novas atividades farmacêuticas nasceram, nos campos da indústria, somente de dez anos para cá.

Antes de 1990, praticamente não se falava, por exemplo, em logística, serviço de atendimento ao consumidor (SAC), farmacotécnica, pesquisa clínica, biodisponibilidade, bioequivalência, equivalência farmacêutica, assuntos regulatórios (registros de medicamentos etc.), treinamento (para a fábrica e para a comercialização); em *marketing*, compras, planejamento e controle de produção, desenvolvimento, garantia de qualidade, validação (equipamento, processo, limpeza, métodos analíticos, de áreas limpas), projeto industrial (*layout*, sistema de ar e seu controle, sistema de água e seu controle, meio ambiente, descarte de resíduos etc.).

Como que sob uma vara de condão, de um momento para outro, todos esses e outros tantos termos foram incorporados ao universo profissional do farmacêutico industrial, para designar novas atividades suas. E, aí? Como lidar com tanta novidade, a um só tempo?

Descompasso - À indústria, interessa o farmacêutico pronto para atuar em todos esses segmentos. Aí, começa-se a perder a ponta do novelo, e um sem-número de embaraços põe-se a formar. Primeiro, nem sempre o farmacêutico está pronto para assumir todas essas funções. Principalmente, se forem todas, ao mesmo tempo. As faculdades de Farmácia - as que criaram a especialização Farmácia Industrial - esforçam-se, mas nem todas conseguem acompanhar as rápidas transformações tecnológicas e científicas a serviço da indústria farmacêutica. Resultado: os conhecimentos acadêmicos acabam entrando num gritante descompasso com o próprio universo



para o qual foi criado.

Essas transformações geraram novos conceitos, de ponta a ponta da indústria. São igualmente novas as cobranças feitas, por exemplo, quando os assuntos são controle e garantia de qualidade. Seria injusto dizer que não se fazia esse controle, de dez anos para trás. A diferença é que, hoje, ele está aprimorado. Tem-se, atualmente, um pleno domínio sobre os processos produtivos e sobre a segurança e a qualidade dos produtos. Todos eles são rigorosamente monitorados.

Os medicamentos, com as novas tecnologias, são submetidos a análises inimagináveis, se feitas há poucos anos. Exemplos são o desenvolvimento de métodos analíticos e análises de produtos e matérias-primas por HPLC (Cromatógrafo Líquido de Alta Precisão), em substituição aos métodos convencionais; o método de dissolução de comprimidos em complementação ao teste de desintegração; a identificação de matérias-primas, através de infravermelho; a determinação de contaminantes orgânicos por T.O.C., e a automação das análises do controle microbiológico.

Vigilância - Era de se esperar que, com tamanho crescimento, a indústria começasse a cobrar de si própria mais controle de qualidade e novas condutas. O Governo também não ficaria imóvel. A então Secretaria Nacional de Vigilância Sanitária, do Ministério da Saúde, criou, nessa época, o Programa Nacional de Inspeção das Indústrias Farmacêuticas e Farmoquímicas (Pniff), com o objetivo de fiscalizar e cobrar mais qualidade. O objetivo do programa era o de colocar os laboratórios funcionando, de acordo com as boas práticas de fabricação. O caminho estava, então, pavimentado para a instalação da moderna farmácia industrial brasileira. E do moderno farmacêutico industrial.

I Encontro: reflexões e questionamentos sobre a profissão

O I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria teve, entre outros, o mérito de sacudir o segmento dos farmacêuticos industriais, lá em sua maior *ninhada*, o Estado de São Paulo, com indagações e reflexões sobre a sua relação com a indústria, em que pese principalmente a sua qualificação. O I Encontro, realizado pelo Conselho Federal de Farmácia, foi organizado e dirigido pela sua Comissão de Indústria.

A Comissão é formada pelos farmacêuticos Marília Coelho Cunha (presidente), conselheira federal de Farmácia pela Bahia; Ana Maria da Penha Braguim Pellim, conselheira federal de Farmácia pelo Estado de São Paulo, proprietária



Marília Coelho Cunha



Ana Maria Braguim Pellim

de empresa de consultoria que presta serviços à indústria farmacêutica e a farmácias de manipulação; Josué Schostack, farmacêutico hospitalar com atuação no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, conselheiro federal de Farmácia suplente pelo Rio Grande do Sul e professor de Farmácia Hospitalar da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul; Eduardo Gonçalves, farmacêutico industrial e proprietário da indústria farmacêutica Green Pharma, sediada em Anápolis (GO), e presidente da Associação Nacional dos Farmacêuticos Industriais (Anfi); Jorge Antônio Piton do Nascimento, conselheiro regional de Farmácia, na Bahia, e professor da disciplina Estágio 1^A de Manipulação de Fórmulas da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal da Bahia; Eliana de Paula Dias Oriolo, farmacêutica industrial atuando na Ariston Indústrias Químicas e Farmacêuticas Ltda. e conselheira regional de Farmácia, em São Paulo.



Josué Schostack

“Nas décadas de 70 e 80, havia um farmacêutico industrial que atuava basicamente na produção. Hoje, com os novos equipamentos, com o desenvolvimento tecnológico e os novos conceitos industri-

ais, a indústria abriu novos campos de atuação e precisa de um farmacêutico com novos conhecimentos, para atuar dentro de uma visão múltipla”, explica a presidente da Comissão de Indústria do CFF, Marília Coelho Cunha, respaldada pelos demais integrantes da Comissão.

O I Encontro foi considerado pela Comissão como “um sucesso”. Reuniu um grande número de participantes (230 farmacêuticos industriais) e excelências do setor e autoridades da saúde, convidadas pelo CFF, a exemplo do presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Gonzalo Vecina Neto.

Temário rico - Rico no seu temário, o evento abordou, através de mesas-redondas, uma série de temas. A primeira Mesa tratou do “âmbito do profissional farmacêutico na indústria”. Sob a coordenação do conselheiro federal pelo Rio Grande do Sul e presidente da Fepafar (Federação Pan-americana de Farmácia), Gustavo Baptista Éboli, a Mesa teve por debatedores o presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos; o presidente da Alanac (Associação dos Laboratórios Nacionais), Dante Alário; o presidente da Abifarma (Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica), Ciro Mortella; o vice-presidente do Sindusfarma (Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo), Lauro Moretto; Maria José Machado, diretora da Alfob/IVB (Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Oficiais do Brasil).

A segunda Mesa Redonda debateu a “Regulamentação do mercado industrial farmacêutico no Mercosul”. Ela foi coordenada pelo vice-presidente do CFF, Salim Tuma Haber. Os debatedores foram Marta Fonseca Veloso, gerente geral de Relações Internacionais da Anvisa; a presidente da AFAI (Associação dos Farmacêuticos da Indústria), Marcela Saad.

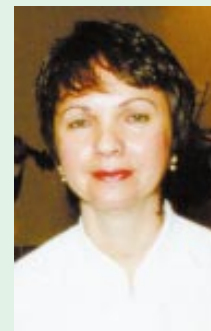
Outra Mesa teve por tema “Os progressos da indústria farmacêutica instalada no Brasil: exigências da legislação e do mercado internacional”. A sua coordenação ficou a cargo do farmacêutico Josué Schostack, conselheiro federal de Farmácia (suplente) pelo Rio Grande do Sul. Debatedores: Antônio Bezerra, gerente geral de Inspeção de Medicamentos da Anvisa; Anthony F. Fell, professor da Rodford School of Pharmacy, da Inglaterra; Carlos F.



Eduardo Gonçalves



Jorge Antônio Piton



Eliana de Paula Oriolo

Gross, diretor do Sinfar (Sindicato dos Farmacêuticos) no Rio de Janeiro; e José Fernandes Lemes Magalhães, diretor executivo do Alanac (Associação dos Laboratórios Nacionais).

O tema “Bioequivalência, biodisponibilidade e equivalência farmacêutica: laboratórios credenciados pela Anvisa - situação e perspectiva” também animou outra Mesa Redonda, coordenada pela presidente da Comissão de Indústria do CFF, Marília Coelho Cunha, que também foi debatedora, ao lado do professor Gerson Pianette, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Galdino G. Bicho, gerente da Reblas (Rede Brasileira de Laboratórios Associados)/Anvisa.

Em seguida, veio outra Mesa Redonda, cujo tema foi “Processos que asseguram a qualidade de medicamentos”, sob a coordenação do secretário geral do CFF, Arnaldo Zubioli. Os debatedores foram Henry Cardoso Vartuli, regente de Produção do Laboratório Teuto; Ilanú A. Lopes, do Laboratório Halex Istar.

Mais uma Mesa Redonda. Desta vez, abordando o tema “Insumos farmacêuticos: aquisição, síntese e certificação”. A sua coordenação ficou sob a responsabilidade da farmacêutica Marília Coelho Cunha. Teve como debatedores o farmacêutico Eduardo Gonçalves, proprietário do Laboratório Green Pharma; o conselheiro da Abifina (Associação Brasileira das Indústrias de Química Fina), diretor

presidente da Nortec Química e professor da Escola de Química da URFJ, Alberto Ramy Mansur; o chefe de Gabinete da Anvisa, Silas Gouveia; José Correa da Silva, presidente da Abiquif (Associação Brasileira da Indústria Farmoquímica); Tuyoshi Ninomya, diretor da Alfob (Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Oficiais do Brasil) e assessor técnico da Furp (Fundação para o Remédio Popular).

Palestras - Duas palestras igualmente movimentaram o “I Encontro”. A primeira discorreu sobre a “Estabilidade de medicamentos”, e foi proferida por Valéria dos Santos Cozzolino Yague, consultora para a indústria farmacêutica da HS Consultores Associados; e por Ana Maria Bergold, professora titular de Química Farmacêutica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do curso de pós-graduação, como orientadora do Mestrado. A coordenação foi da farmacêutica Eliana de Paula Dias Oriolo, integrante da Comissão de Indústria do CFF.

A outra palestra tratou do assunto “Produtos fitoterápicos: uma perspectiva de negócio para a indústria, um campo pouco explorado pelos farmacêuticos”. Coordenada pelo farmacêutico Jorge Antônio Piton Nascimento, da Comissão de Indústria do Conselho Federal, teve como palestrantes a professora Juceni Pereira David, conselheira regional de Farmácia da Bahia e representante da Faculdade de Ciências Farmacêuticas das UFBA na Câmara de Graduação e no Conselho de Coordenação da mesma Universidade.

Jaldo de Souza Santos: “Tudo faremos por um farmacêutico industrial forte”

O presidente do Conselho Federal de Farmácia (CFF), Jaldo de Souza Santos, disse, ao discursar na abertura do “I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria”, que o Brasil, que já é um mercado consumidor com índices expressivos, tende a aumentar ainda mais o seu consumo de medicamentos, à medida em que as opções governamentais favorecem melhor os programas sociais, “nem sempre atendidos em volume satisfatório”, deixou claro. Acrescentou que, contrariando as más expectativas, a renda *per capita* também vem crescendo, em curva discreta, mas significativa, assegurando o desenvolvimento do mercado consumidor pessoal.

“Para tão otimista - e sincera -

avaliação, agregamos a nossa disposição de farmacêuticos para o trabalho qualificado, responsável e leal. E mais: trazemos, ainda, esta nossa permanente e saudável inquietude, diante dos avanços tecnológicos, e uma base reflexiva que nos coloca atentos à ética. Portanto, os fatos estão indicando estas diretrizes de comportamento”, complementou o presidente do CFF.

Disse que o Conselho Federal não volta o foco de suas preocupações exclusivamente para o que já está consagrado, no dia-a-dia profissional, nem para os avanços em marcha. O órgão, enfatizou, faz também um acompanhamento diuturno do ensino das ciências farmacêuticas. “E quer interferir sobre o qua-



Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, anunciou esforços pela qualificação

dro do ensino”, anunciou.

É com este objetivo que o CFF realizou a I Conferência Nacional de Educação Farmacêutica, em agosto de 2000, e já iniciou a série de quatro pré-conferências preparatórias para a II Conferência, que vai acontecer, em Brasília, no mês de outubro deste ano, tendo como tema central a Avaliação institucional e a capacitação profissional.

Mudanças no ninho - “Por que assumimos essa posição de vanguarda na discussão do ensino? Porque os clamores por mudanças são grandes, de ponta a ponta do País. Também, porque o Conselho Federal entende como urgente a necessidade de transformação, lá no ninho farmacêutico, que é onde nasce o profissional que irá enriquecer a indústria com o seu talento. É na base – no ensino - que poderemos criar uma nova Farmácia, mais humanizada, mais afinada com realidade social brasileira, mais atualizada com as questões da prática profissional, explicou Souza Santos.

Afinal, alertou o presidente, “de que adiantariam todas as decisões políticas e econômicas de Governo favoráveis ao crescimento do mercado produtor, se o ensino viver purgando os seus descompassos com a realidade na concha hermética em que se meteu, por um certo tempo?”. Para o presidente do CFF, agora, já é possível sentir que as fronteiras começam a se romper e o mundo acadêmico aproxima-se da realidade.

Mas, além da graduação, revelou Souza Santos, o CFF quer contribuir para renovar o ensino, também em nível de pós-graduação. “Vamos insistir junto às universidades brasileiras que melhorem o ensino de Farmácia Industrial, em nível de graduação, e propor que abram mais cursos de especialização no setor, em níveis de mestrado e doutorado. Sugeriu a criação da especialização Engenharia do FÁRMACO.

“O objetivo dessa proposta é fortalecer ainda mais o industrial farmacêutico, dotando-o de mais conhecimentos para enfrentar as no-

vas necessidades da indústria que, por sua vez, vem sofrendo uma evolução fantástica”, justificou.

Exame de proficiência - Souza Santos anunciou que, em sintonia com as demais autarquias profissionais, o CFF vai realizar o exame de ordem – ou exame de proficiência -, ao mesmo tempo em que estará referendando cursos “lato sensu”, em nível de pós-graduação, para atividades profissionais. “Estaremos sempre em busca de uma farmácia industrial forte”.

Sobre o I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria, Souza Santos informou que o CFF tem a preocupação de dar seqüência e conseqüências ao evento, tornando as decisões e recomendações que brotaram de sua realização do conhecimento de todos os farmacêuticos brasileiros. “Para tanto, já tomamos a decisão de publicar os seus anais. E o faremos com a otimista expectativa de que outros encontros deverão ocorrer, cada vez com mais conteúdo e participação”, concluiu.

A fonte e a sede de qualificação

“O que nos move, aqui, neste evento, é a necessidade de refletirmos, franca e profundamente, acerca do farmacêutico industrial brasileiro e de buscarmos, intransigentemente, alternativas para promovê-lo com aquilo que é, seguramente, a base da profissão: a qualificação”. Foi assim que a presidente da Comissão de Indústria do Conselho Federal de Farmácia, Marília Coelho Cunha, iniciou o seu pronunciamento, na solenidade de abertura do “I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria”. A Comissão foi a organizadora do evento.

Lembrou ser verdadeira a afirmação de que o farmacêutico, qualquer que seja o segmento em que atua, ter, como “verdadeira obsessão”, a busca sem trégua pela qualificação. Segundo ela, essa característica transformou-se numa espécie de cultura farmacêutica. “A qualificação deve ser, sempre - e de forma inquestionável - um ponto convergente entre os profissionais. Jamais, um fator desagregador, que põe, de um lado, certos interesses, e, de outro lado, interesses antagônicos. A qualificação deve estar



Marília Coelho Cunha: “Qualificação deve ser um ponto de convergência entre os farmacêuticos”

sempre acima do bem e do mal”, explicou.

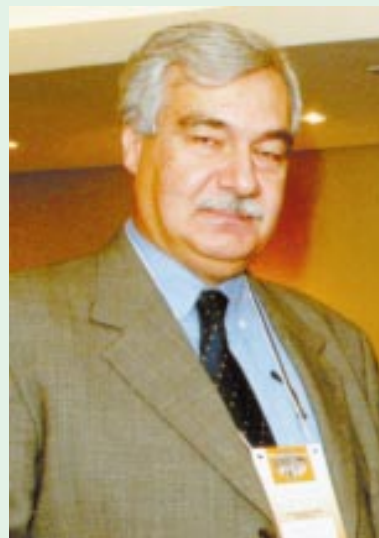
Mas, embora o farmacêutico mereça os comentários mais elogiosos, quanto à sua qualificação, Marília Coelho Cunha alertou que há muito o que se avançar, ainda, em se tratando de qualificação, “sob pena de amargarmos uma desatualização tal, que nos empurrará para o atraso, para o descompasso com o nosso tempo”.

Segundo ela, o farmacêutico industrial não escapa a esta afirmação, embora o segmento, particularmente, abrigue excelências profissionais. “Hoje, se uma indústria encomendar a um farmacêutico um projeto de uma nova planta industrial, ele, provavelmente, passará por grande apuro”, previu. A saída para se evitar problemas do gênero é com a intensificação do conhecimento, através do aprofundamento e da atualização dos cursos de Farmácia e da oferta de novos cursos de pós-graduação e de educação continuada. “Então, meus amigos, se conseguirmos reunir a sede e a fonte, é porque estamos no caminho certo”, concluiu.

Respeito, o patrimônio que se conquista pela qualidade

“A respeitabilidade do farmacêutico se faz, através de suas qualidades pessoal e profissional. Assim, nenhuma indústria tripudia sobre uma pessoa digna e com fortes conhecimentos técnicos e científicos”

(Dante Alario, presidente da Alanac)



Dante Alario, presidente da Alanac

O farmacêutico mais experiente atende às necessidades do setor industrial farmacêutico nacional. O problema está no farmacêutico mais novo, que, de forma geral, é mal formado, desde o grau primário, e apresenta-se para trabalhar com pouco conhecimento teórico e nenhum prático, demandando da indústria empregadora um enorme esforço para adequá-lo às exigências do mercado. O comentário é do presidente da Alanac (Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais), Dante Alario Júnior, sócio-diretor da Biolab Sanus Farmacêutica Ltda. A raiz de parte dessas dificuldades, segundo Alario, está no fato de esses jovens farmacêuticos terem cursado faculdades “que não estão aptas a dar uma formação condizente com os requisitos básicos de que o mercado necessita”. Farmacêutico-bioquímico vindo de uma família de farmacêuticos, Dante Alario é, ain-

da, sociólogo e fez especialização em Política, na USP, e em Administração, na Fundação Getúlio Vargas. Em entrevista à revista PHARMACIA BRASILEIRA, ele fala, ainda, sobre o farmacêutico no Mercosul, sobre o crescimento da indústria nacional com o advento dos medicamentos genéricos e sobre as suas dificuldades em desenvolver pesquisas. Dante Alario, o homem cuja bússola está sempre apontado para o fortalecimento da indústria nacional, dá um recado aos farmacêuticos industriais, principalmente os novos: “A respeitabilidade do farmacêutico se faz, através de suas qualidades pessoal e profissional. Assim, nenhuma indústria tripudia sobre uma pessoa digna e com fortes conhecimentos técnicos e científicos. Indústria farmacêutica respeitável procura profissional igualmente sério e competente”. **Veja a entrevista.**

PHARMACIA BRASILEIRA -

Como se situa o farmacêutico brasileiro que atua, na indústria nacional, dos pontos de vista do seu conhecimento e de sua representação, enquanto categoria?

Dante Alario - O farmacêutico mais experiente atende às necessidades do setor industrial farmacêutico nacional. O problema está no farmacêutico mais novo, que, de forma geral, é mal formado, desde o grau primário, e apresenta-se para trabalhar com pouco conhecimento teórico e nenhum prático, demandando da indústria empregadora um enorme esforço para adequá-lo às exigências do mercado.

Muitas dificuldades destes jovens profissionais farmacêuticos advêm do fato de terem cursado faculdades que não estão aptas a dar uma formação condizente com os requisitos básicos de que o mercado necessita.

Outra parte cabe ao próprio farmacêutico, que enxerga sua profis-

são com bastante desânimo, em função da visão deformada que a sociedade tinha e ainda tem dele.

Hoje, no entanto, tal visão distorcida começa a ser mudada e novas e interessantes perspectivas começam a ser desenhadas para o futuro farmacêutico, dando novo ânimo a este profissional. Parte dessa mudança deve-se aos Conselhos Estadual e Federal de Farmácia, assim como a outras entidades associativas dos farmacêuticos que, nos últimos anos, muito têm feito pelos seus profissionais.

Uma verdade, porém, é imutável, ou seja, a respeitabilidade do farmacêutico se faz, através de suas qualidades pessoal e profissional. Assim, nenhuma indústria tripudia sobre uma pessoa digna e com fortes conhecimentos técnicos e científicos. Indústria farmacêutica respeitável procura profissional igualmente sério e competente.

PHARMACIA BRASILEIRA -

O senhor acha que o farmacêutico industrial brasileiro é devidamente

valorizado e reconhecido pelos seus empregadores?

Dante Alario - Já está respondida na primeira.

PHARMACIA BRASILEIRA -

Se a indústria farmacêutica nacional passasse a investir em pesquisa de novos medicamentos, o farmacêutico brasileiro estaria apto a realizar essas pesquisas, inclusive dirigi-las?

Dante Alario - O currículo do farmacêutico-bioquímico o habilita para tanto. Contudo, como já dito na primeira resposta, hoje, há inúmeros cursos de Farmácia, em que as faculdades não estão preparadas para bem formar os profissionais que por lá passam. Isto precisa ser corrigido, e o Ministério da Educação deveria estar mais atento a este aspecto. Concluindo, diria que o farmacêutico bem formado e que possui também características pessoais satisfatórias tem total possibilidade, tanto para executar pesquisas, como para dirigi-las.

PHARMACIA BRASILEIRA -

Falar em pesquisa, sabe-se que a consolidação de uma indústria está mon-

tada no tripé *know how*, tecnologia e pesquisa. A indústria nacional tem-se dedicado à transformação e à produção. O que falta para que ela invista em pesquisa é exclusivamente o recurso financeiro?

Dante Alario -

Este é um tema complexo e que poderia ser debatido, por dias seguidos. Abordarei somente alguns pontos importantes, como: um dos grandes problemas do setor industrial farmacêutico nacional foi o de trabalhar com uma insuficiente rentabilidade, que impediu investimentos em pesquisa. Assim, o famoso CIP (Conselho Interministerial de Preços) e as outras siglas que o antecederam, ou o sucederam, sempre mantiveram o setor farmacêutico nacional sobrevivendo, e nada, além disso, pois os preços de medicamentos eram controlados, politicamente, e não tecnicamente.

Considerando que nós, nacionais, temos 100% do nosso negócio, no Brasil, qualquer regime de restrição o é sobre a totalidade de nossa indústria, enquanto que, no caso das multinacionais, incide somente sobre sua filial, aqui instalada (na média, uma filial multinacional, no Brasil, responde por cerca de 3% do volume de seus negócios mundiais). Desta forma, fica claro que nós, nacionais, é que somos os grandes prejudicados com o controle de preços.

Outro aspecto é que, por sermos detentores de cerca de 25 - 30% do mercado brasileiro, também, aí, reside outra limitação de investimento. A interação universidade/empresa ainda é fortemente discutida, no Brasil, enquanto que, nos países desenvolvidos, é praticada, há pelo menos 200 anos, com os resultados espetaculares que todos conhecemos. Para piorar, surgem "ilustres" figuras que, por ignorância ou má-fé, propagam aos sete ventos que a indústria farmacêutica nacional está nesta situação, pois nunca aplicou em pesquisa. São lamentáveis tais

afirmações, uma vez que sabe-se que nos países desenvolvidos, o Estado investe fortemente nas universidades que, por sua vez, aplicam em pesquisa e, quando os resultados destas são promissores, há, então, o acoplamento da indústria interessada, completando-se o ciclo, até alcançar o produto final.

Infelizmente, nada disso é feito, no Brasil, redundando na atual situação em que vivemos, ou seja, as universidades privadas nada ou quase nada fazem de pesquisa; as universidades públicas que, antes, pesquisavam, tiveram que reduzir substancialmente estes gastos, em função de verbas orçamentárias, cada vez menores; a interação universidade/empresa ainda é inconsistente

e, só agora, inicia-se esta aproximação por parte de algumas; a participação da indústria nacional no mercado brasileiro é pequena e, conseqüentemente, proporcional é nossa capacidade de investir; para piorar este quadro, agora, com nossos preços outra vez controlados (como o foram, durante mais de 30 anos, e redundaram no quase que aniquilamento do setor farmacêutico nacional), as esperanças são poucas de que venhamos a ter possibilidade de manter os investimentos já iniciados em P&D.

Só esperamos que, agora, não apareça mais algum "iluminado" a apontar-nos o dedo e afirmar que não investimos em pesquisa e desenvolvimento.

PHARMACIA BRASILEIRA - Como a indústria nacional vem

se preparando para o Mercosul? A desregulamentação, no setor farmacêutico, entre os nossos pares de Mercado, pode trazer dificuldades para o processo de harmonização?

Dante Alario - Com relação ao

Mercosul, o Brasil, na verdade, é quem procura nivelar por cima a harmonização dos países participantes. E esta é uma luta árdua, pois, por estarmos em melhor nível que os demais, temos que impedir que a harmonização seja feita com menores graus de exigência daqueles que, hoje, alcançamos. O que precisamos, agora, é de nos preparar para as ações comerciais de caráter internacional, e nisso temos pouca experiência.

PHARMACIA BRASILEIRA -

Que sugestões o senhor tem a dar aos farmacêuticos brasileiros que vão atuar no Mercosul, quanto à sua qualificação/conhecimento?

Dante Alario - A primeira recomendação é entender que os participantes ali presentes representam seus países, suas indústrias e conseqüentemente o estágio de desenvolvimento em que elas se encontram. Com isto, não estou concordando em cedermos e baixarmos o nível que atingimos, mas dar-mos tempo para a adequação dos demais países ao nosso. O farmacêutico brasileiro que vai ao Mercosul, além de bons conhecimentos práticos e teóricos da profissão, deve ter forte conhecimento da nossa legislação (e, se possível, dos outros países), tudo acompanhado de experiência na área comercial (não podemos esquecer que o Mercosul é uma pequena área de livre comércio).

PHARMACIA BRASILEIRA -

Fale do crescimento da indústria nacional, depois da instituição da política de medicamentos genéricos. Quando a indústria deverá atingir o pico de crescimento, com essa categoria de medicamentos? Qual é realmente o índice de crescimento previsto e quanto a indústria nacional ocupará no mercado industrial farmacêutico (quanto ocupa, hoje)?

Dante Alario - A Alanac sempre acreditou que os medicamentos genéricos são importantes para o Brasil e poderão também sê-lo para a indústria farmacêutica nacional. Em qualquer outro país onde

"Muitas dificuldades destes jovens profissionais farmacêuticos advêm do fato de terem cursado faculdades que não estão aptas a dar uma formação condizente com os requisitos básicos de que o mercado necessita"

ENTREVISTA / DANTE ALARIO

a política de genéricos foi implantada, após cerca de oito – dez anos é que eles se firmaram no mercado e as indústrias tiveram tempo para adequar-se e produzi-los, localmente, gerando empregos e tecnologias e sem necessidade de importação.

No entanto, no Brasil, os genéricos estão sendo parcialmente fabricados, aqui, sendo muitos deles importados prontos. Desta forma, não geramos mais empregos de que tanto necessita o País, e tampouco novas tecnologias, pois medicamentos dos mais simples aos mais sofisticados são trazidos do exterior.

Hoje, a fatia de mercado ocupada pelos medicamentos genéricos é de aproximadamente 3% e acreditamos que poderá chegar a 20 – 25%, dentro de seis – oito anos.

É muito difícil prognosticar metas, números, valores, etc., no Brasil,

pois sempre dependemos da política que os sucessores no poder darão, ou não, continuidade. Afirmando que, se não tivermos uma clara e forte política industrial (aí incluída uma substancial política tecnológica), dificilmente, sairemos dos patamares em que nos encontramos, hoje, com tendência a diminuir ainda mais a nossa participação no mercado.

PHARMACIA BRASILEIRA - Todas as resistências e questionamentos sobre a qualidade e eficácia dos genéricos fabricados, no Brasil, estão sendo definitivamente superados?

Dante Alario - A resistência à entrada dos medicamentos genéricos, no mercado, era esperada e não surpreende. Os questionamentos sobre a qualidade e eficácia também são naturais, principalmente, para aqueles que não conhecem os caminhos que o genérico precisa percorrer,

desde o seu registro, no Ministério da Saúde, até a produção, controle de qualidade e distribuição no mercado.

Tudo isto seria mais facilmente superado, caso não houvesse essa obrigação de muito rapidamente serem colocados, no mercado, desconsiderando as experiências bem-sucedidas de outros países que já adotaram os genéricos. No entanto, é uma questão de tempo para que se consolidem definitivamente e ganhem a confiança dos médicos, tanto como os produtos de marca (similares ou não) o fizeram.

Nesta resposta, não podemos deixar de falar que também os medicamentos similares são extremamente importantes para as empresas nacionais, pois possuem qualidade e é neles que podemos desenvolver novas tecnologias, sem as quais nos desatualizaríamos.

ENTREVISTA / LAURO MORETTO

“Ensino não acompanha transformações tecnológicas e da legislação”

“Os cursos de graduação não estão levando em conta as radicais mudanças que ocorreram na legislação das indústrias farmacêuticas, de cosméticos e de alimentos”

(Lauro Moretto, presidente do Sindusfarma-SP)

O ensino oferecido pelos cursos de Farmácia, no Brasil, em nível de graduação, não está atento às rápidas e radicais transformações por que passa a indústria farmacêutica, de cosméticos e de alimentos, o que acaba por gerar um descompasso entre os dois. O alerta é do vice-presidente executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo (Sindusfarma), Lauro Domingos Moretto, 65 anos. Farmacêutico-bioquímico pela Universidade de São Paulo, onde também fez mestrado em Tecnologia Químico-farmacêutica e doutorado em Ciências dos Alimentos, o paulista de Bariri Lauro Moretto atuou na indústria, tanto em áreas técnicas, quanto na direção, a exemplo da

Johnson & Johnson, do Instituto De Angeli do Brasil e da Boehringer De Angeli Química e Farmacêutica. Professor responsável pela disciplina Supervisão da Produção, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, desde 1987, Moretto é autor de várias publicações e coordenador da elaboração dos manuais técnicos, científicos e regulatórios para farmacêuticos que atuam na indústria. Em entrevista à PHARMACIA BRASILEIRA, ele fez uma avaliação sobre a qualificação do farmacêutico industrial brasileiro. “O farmacêutico que atua, nas áreas industriais, de acordo com sua especialidade, tem conhecimentos mínimos para atuar em plantas produtoras tradicionais”, afirmou. **Veja a entrevista.**



Lauro Morreto, presidente do Sindusfarma/SP

PHARMACIA BRASILEIRA

- Dr. Lauro, o senhor é um conhecido defensor da permanente educação do farmacêutico. O tempo presente é marcado por impressionantes conquistas científicas, no setor farmacêutico; por maravilhosos avanços tecnológicos, que

dão uma inimaginável velocidade às transformações que grassam o nosso tempo. Já começamos, por exemplo, a viver um novo ciclo do medicamento, com a chegada da genética. Quem sabe o que virá, nos próximos dez anos? O senhor pode falar do conhecimento do farmacêutico, situado em meio a tudo isso? O conhecimento é que faz a diferença?

Lauro Moretto - O conhecimento dos fármacos e dos medicamentos não é mais casual, como o era, até algum tempo atrás. O modelo organizado de pesquisar, ciência pura e aplicada ou tecnologia, possibilitou atingir, de forma espetacular, o nível de desenvolvimento que atingimos. Porém, para o bem-estar da população, no que diz respeito à saúde, não basta apenas o medicamento. No entanto, ele, de fato, faz a diferença.

Recentemente, quando estávamos na mudança do século e do milênio, questionei alguns meus alunos, para saber se ainda havia chances de se descobrir novos fármacos, na suposição de que parece que tudo o que poderia ser descoberto já está feito. Perguntei a eles se, há cem anos, era possível prever-se o desenvolvimento que atingimos. Certamente, ninguém poderia prognosticar o espetacular desenvolvimento que se atingiu.

Da mesma forma, hoje, temos limitadas possibilidades de prever nosso futuro para daqui a dez anos. Sabe-se que a biotecnologia está em sua fase intermediária de desenvolvimento, com uma enorme variedade de fármacos e medicamentos em estudos. Sabe-se, também, que os produtos da engenharia genética, para uso, na medicina, estão apenas em

“O farmacêutico que atua, nas áreas industriais, de acordo com sua especialidade, tem conhecimentos mínimos para atuar em plantas produtoras tradicionais, necessitando de programas de treinamento e desenvolvimento para as atividades específicas”

PHARMACIA BRASILEIRA - Como o senhor avalia o conhecimento do farmacêutico industrial brasileiro? Ele está apto a enfrentar as exigências e desafios da moderna indústria farmacêutica?

Lauro Moretto - O farmacêutico que atua, nas áreas industriais, de acordo com sua especialidade, tem conhecimentos mínimos para atuar em plantas produtoras tradicionais, necessitando de programas de treinamento e desenvolvimento para as atividades específicas. Esses conhecimentos mínimos não podem ser entendidos, porque a profissão farmacêutica é multi-disciplinar, envolvendo áreas relacionadas a análises clínicas e toxicológicas, alimentos, fármacos e medicamentos, além das atividades relacionadas às farmácias comercial e hospitalar.

Acredito que, no estágio atual, os programas das faculdades não estão adequados para a formação de um profissional que vai se dedicar a atividades industriais. Além disso, praticamente, não há oferta, nas faculdades, de cursos de extensão ou de aperfeiçoamento ou mesmo de atualização tecnológica. O resultado se traduz na canalização do farmacêutico para atuar como analista em Controle de Qualidade, ou como elementos para atuar em área regulatória.

PHARMACIA BRASILEIRA - Que reflexão o senhor faz do ensino de Farmácia, em nível de graduação,

sua fase inicial. Associa-se a ambas estas ciências a tradicional pesquisa de síntese química, as pesquisas com os microorganismos e com as plantas medicinais. Enfim, para os próximos anos, teremos muitas novidades.

do ponto de vista da formação profissional do farmacêutico industrial? É preciso mudar a formação acadêmica?

Lauro Moretto - Os cursos de graduação não estão levando em conta as radicais mudanças que ocorreram na legislação das indústrias farmacêuticas, de cosméticos e de alimentos. Há cerca de dez anos, foi editado o documento da OMS, que define as BPFs (Boas Práticas de Fabricação e Controle), nas indústrias farmacêuticas. Estas foram adotadas, em 1995, no Mercosul, e também internalizadas, no Brasil. Todavia, se formos verificar quais faculdades criaram novas disciplinas ou promoveram adaptação nas existentes, para atender ao disposto, nesses regulamentos, vamos ficar desapontados. Idêntica reflexão se pode fazer para as atividades industriais de alimentos e cosméticos.

Atualmente, face à crescente evolução das ciências e da tecnologia, acredito que seja realmente necessário mudar a formação acadêmica, criando definidas áreas de especialização. Estas devem atender à demanda do mercado e não apenas o que se supõe seja demanda de mercado.

PHARMACIA BRASILEIRA

- No I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria, realizado pelo Conselho Federal de Farmácia, em São Paulo, em junho, o senhor falou em “Engenharia Farmacêutica”. Pode falar sobre ela? O que faz um engenheiro farmacêutico?

Lauro Moretto - Na realidade, as indústrias farmacêuticas necessitam de profissionais qualificados para atuar em ambientes onde os recursos de infra-estrutura estejam de acordo com a legislação, onde as máquinas desempenhem suas funções, conforme os requisitos do processo do produto. Dispondo-se destes recursos, necessita-se de um profissional que conheça perfeitamente as etapas e as variáveis do processo produtivo, além de saber supervisionar seus subordinados”.

No I Encontro Nacional dos Farmacêuticos da Indústria, realizado pelo Conselho Federal de Farmácia, em São Paulo, em junho, o senhor falou em “Engenharia Farmacêutica”. Pode falar sobre ela? O que faz um engenheiro farmacêutico?

Lauro Moretto - Na realidade, as indústrias farmacêuticas necessitam de profissionais qualificados para atuar em ambientes onde os recursos de infra-estrutura estejam de acordo com a legislação, onde as máquinas desempenhem suas funções, conforme os requisitos do processo do produto.

ENTREVISTA / LAURO MORETTO

Dispondo-se destes recursos, necessita-se de um profissional que conheça perfeitamente as etapas e as variáveis do processo produtivo, além de saber supervisionar seus subordinados.

A Engenharia Farmacêutica, em minha concepção, seria uma especialização do profissional farmacêutico, para suprir demandas não disponíveis no mercado, relacionadas às áreas de infra-estrutura, instalações e máquinas, bem como seus correspondentes fundamentos científicos. Aqui, se inserem temas sobre pisos, paredes, tetos, iluminação, ar condicionado, ar estéril, vapor limpo, água purificada, água para injetáveis e tantos outros, inclusive meio ambiente. Além disso, poderíamos ampliar o âmbito da Física Industrial, para estudar, com maior profundidade, todas as operações unitárias, tais como divisão, separação, secagem, etc.

Assim, alguns exemplos poderiam ser passados:

- Na secagem de um granulado, é necessário conhecer-se os fenômenos de transporte envolvidos,

através da remoção da umidade pelo calor ventilado. De forma semelhante, poderíamos entender o processo de granulação, através de leito fluidizado.

- Nas operações de dissolução, pelo uso de calor e agitação, é necessário entender-se os fenômenos relacionados com os movimentos do agitador e com aqueles relacionados à troca de calor.

- Em relação à infra-estrutura, poderíamos ter conhecimentos específicos acerca de pisos (resistência a materiais, dureza, etc.) para as áreas industriais. Além disso, poderíamos melhor conhecer as tecnologias de construção e revestimento de paredes, que atendem aos requisitos das BPFs.

- Com relação aos sistemas de ar, para as áreas produtivas, poderiam ser adquiridos conhecimentos acerca das tecnologias de ar filtrado, purificado, para áreas estéreis, com pressão positiva, desumidificado, etc.

- Com relação às máquinas e linhas de produção, poderíamos con-

tar com conhecimentos relacionados ao balanceamento de linhas, elaboração de projetos, etc.

- Com relação a todos os recursos, poderíamos contar com conhecimentos para a qualificação das máquinas, equipamentos e instalações, condições essenciais para se validar o processo produtivo. Validar processo é, com certeza, o maior desafio dos profissionais farmacêuticos.

PHARMACIA BRASILEIRA - Como se forma em “Engenharia Farmacêutica”?

Lauro Moretto - Na realidade, não acredito que se possa criar uma profissão farmacêutica, com o nome de Engenheiro Farmacêutico. No México, o profissional é denominado Engenheiro Farmacêutico. O que se pretende é instituir uma especialização para o profissional farmacêutico que vai atuar em áreas de produção. Ele deve ter todos os conhecimentos básicos de um profissional farmacêutico, porém terá uma qualificação especializada nas áreas de produção.

ENTREVISTA / CIRO MORTELLA

O farmacêutico de que a indústria precisa

“Por conhecer, de forma privilegiada, a essência dos medicamentos, o farmacêutico pode dar excelentes contribuições a essas outras áreas, inclusive migrando para trabalhar nelas e, quem sabe, inovando práticas e procedimentos” (Ciro Mortella, presidente da Abifarma)

De que farmacêutico a indústria precisa? “Além de ter um profundo conhecimento específico, o farmacêutico industrial deve ter uma visão ampla de todas as atividades da empresa em que trabalha, sejam de pesquisa, industrial, de comercialização e *marketing*, de

forma a desenvolver seu trabalho com mais objetividade e eficiência”. A resposta é do presidente da Abifarma (Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica), **Ciro Mortella**. Em entrevista à revista PHARMACIA BRASILEIRA, Mortella observa que, pelo conhecimento privi-



Ciro Mortella, presidente da Abifarma

legiado que possui sobre a essência dos medicamentos, o farmacêutico “pode dar excelentes contribuições” a outras áreas, inclusive migrando para trabalhar nelas e, quem sabe, inovando práticas e procedimentos. O presidente da Abifarma, 43 anos, nasceu em Nápolis, na Itália, mas reside, no Brasil, desde criança. Bacharel em Ciências Biológicas, **Ciro Mortella** estudou também Jornalismo, na Fundação Cásper Líbero, em São Paulo, e Filosofia, na Universidade de São Paulo (USP). Voltou à Itália, onde iniciou a sua trajetória, na indústria farmacêutica, como propagandista e gerente de produtos, em uma empresa italiana do grupo Roussel-Uclat. Em 1988, **Ciro Mortella** retornou ao Brasil, para assumir o cargo de diretor administrativo-financeiro dos Laboratórios Baldacci S.A, onde permaneceu por 12 anos. Recentemente, tornou-se vice-presidente do Laboratório Catarinense, em Joinville (SC). Daí, partiu para a presidência

executiva da Abifarma, a entidade brasileira que reúne indústrias farmacêuticas multinacionais, responsáveis por um faturamento de cerca de US\$ 10 bilhões ao ano. Segundo o presidente, as descobertas, na área da biotecnologia, gerarão as grandes novidades do campo da pesquisa farmacêutica, nos próximos anos. Mas **Mortella** manifestou preocupação com a política econômica adotada pelo Governo para o setor farmacêutico. “O que as empresas de pesquisa e todas as demais instaladas, no País, mais anseiam é que tenhamos regras definidas quanto às políticas econômica e industrial para o setor farmacêutico. Isso é decisivo para que possamos inovar e investir com tranquilidade”. E concluiu: “A grande novidade do setor poderia ser, afinal, a liberdade de administrar nossos custos, preços, lucros e investimentos”.
Veja a entrevista.

PHARMACIA BRASILEIRA

- Qual é o perfil do farmacêutico de que a indústria precisa, hoje?

Ciro Mortella - Além de ter um profundo conhecimento específico, o farmacêutico industrial deve ter uma visão ampla de todas as atividades da empresa em que trabalha, sejam de pesquisa, industrial, de comercialização e *marketing*, de forma a desenvolver seu trabalho com mais objetividade e eficiência.

PHARMACIA BRASILEIRA

- Qual deve ser o papel do farmacêutico industrial em setores não estritamente técnicos, como gestão de qualidade, logística, *marketing*? Na indústria multinacional, as atividades desses e de outros setores são exercidas por profissionais de outras áreas. Por que?

Ciro Mortella - Esta pergunta se relaciona com a minha resposta anterior. Por conhecer, de forma privilegiada, a essência dos medicamentos, o farmacêutico pode dar excelentes contribuições a essas outras áreas, inclusive migrando para trabalhar nelas e, quem sabe, inovando práticas e procedimentos.

PHARMACIA BRASILEIRA

- A Abifarma tem investido na reciclagem do conhecimento dos farmacêuticos industriais?

Ciro Mortella -

Embora a Abifarma não tenha a atividade de formação técnica como prioridade, estamos sempre abertos a colaborar com as demais entidades da indústria e dos profissionais, para promover seminários, *workshops*, cursos que integrem, cada vez mais, o farmacêutico e as empresas do setor.

PHARMACIA BRASILEIRA

- Falemos um pouco de genéricos. Como a indústria multinacional vai se movimentar, com a consolidação dos medicamentos genéricos, no Brasil? Vai se dedicar mais a essa categoria de produtos?

Ciro Mortella - A indústria está colocando, no mercado, de forma segura e consistente, os medicamentos genéricos. Já há quase 300 à disposição do público. Tanto as empresas nacionais, quanto as multinacionais estão lançando genéricos. É de se esperar que as multinacionais continuem se dedicando ao mercado de marcas, entrando no de genéricos sempre que lhes for inte-

“Além de ter um profundo conhecimento específico, o farmacêutico industrial deve ter uma visão ampla de todas as atividades da empresa em que trabalha, sejam de pesquisa, industrial, de comercialização e *marketing*, de forma a desenvolver seu trabalho com mais objetividade e eficiência”

ressante, como várias estão fazendo.

PHARMACIA

BRASILEIRA - Qual é a grande novidade aguardada, no setor, em se tratando de pesquisa farmacêutica?

Ciro Mortella -

As descobertas, na área da biotecnologia, gerarão as grandes novidades do campo da pesquisa farmacêutica, nos próximos anos. O conhecimento obtido, a partir do sequenciamento genômico, também vai gerar muitas novidades. Mas, sem querer mudar de assunto nem polemizar, o que as empresas de pesquisa e todas as demais instaladas, no País, mais anseiam é que tenhamos regras definidas quanto às políticas econômica e industrial para o setor farmacêutico. Isso é decisivo para que possamos inovar e investir com tranquilidade. A grande novidade do setor poderia ser, afinal, a liberdade de administrar nossos custos, preços, lucros e investimentos.